

MONJA

Ó Lua, **Lua triste**, amargurada,
Fantasma de brancuras vaporosas,
A tua nívea luz ciliada
Faz murcheçar e congelar as rosas.

Nas floridas searas ondulosas,
Cuja folhagem brilha fosforescência,
Passam **sombras angélicas**, nivas,
Lua, **Monja** da cela constelada.

Filtros dormientes são aos lagos quietos,
Ao mar, ao campo, os sonhos mais secretos,
Que vão pelo ar, noctâmbulos, pairando...

Então, ó Monja **branca** dos espaços,
Parece que abres para mim os braços,
Fria, de joelhos, **trêmula**, rezando...

- * poema simbolista
- * subjetividade
- * símbolos (sombras, fantasmas)
- * pessimismo
- * morte
- * sinestesia
- * obsessão pelo branco
- * retomada dos modelos clássicos
- * musicalidade

Cruz e Souza



VANDALISMO

Meu coração tem **catedrais** imensas,
Templos de priscas e longínquas datas,
Onde um nune de amor, em serenatas,
Canta a **aleluia virginal** das **crenças**.

Na ogiva **fúlgida** e nas colunatas
Vertem **lustrais** irradiações intensas
Cintilações de lâmpadas suspensas
E as ametistas e os florões e as pratas

Como os velhos **Templários** medievais
Entrei um dia nessas **catedrais**
E nesses templos claros e risonhos...

E erguendo os gládios e brandindo as hastas,
No desespero dos iconoclastas
Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos!

Anjos

Augusto dos

- * poema pré-moderno
- * relembra o Simbolismo
- * subjetividade
- * preocupação com a métrica
- * retoma a forma clássica (soneto)
- * termos referentes a religião
- * rimas, aliteraões, assonâncias

LÍNGUA PORTUGUESA

Ultima flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Outro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te, assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira sonora
Que tens o tom e o silvo da porcelana,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
de virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que a voz materna ouvi: “meu filho!”
E que em Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

- * poema parnasiano
- * forma clássica (soneto, esquema de rimas e versos decassílabos)
- * Objetividade – tema: língua portuguesa
- * exaltação a sua Língua



POÉTICA

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de
ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao Sr.
diretor.

**Estou farto do lirismo que pára e vai
averiguar no dicionário
o cunho vernáculo de um vocábulo.**

Abaixo os puristas
Todas as palavras sobretudo os
barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as
sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador

Político

Raquítico

Sifilítico

De todo lirismo que capitula ao que
quer que seja

fora de si mesmo

De resto não é lirismo

**Será contabilidade tabela de co-
senos secretário do amante**

exemplar com cem modelos de
cartas e as diferentes
maneiras de agradar às mulheres,
etc

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos **bêbedos**

O lirismo difícil e pungente dos
bêbedos

O lirismo dos **clowns** de
Shakespeare

**- Não quero mais saber do lirismo
que não é libertação.**

Manuel Bandeira

CARACTERÍSTICAS MODERNAS:

- * poema moderno
- * despreocupação com a forma
- * crítica a sociedade



VÍCIO NA FALA

Para dizerem milho dizem **mio**

Para melhor dizem **mió**

Para pior **pió**

Para telha dizem **teia**

Para telhado dizem **teiado**

E vão fazendo telhados.

Oswald de Andrade

- * poema moderno
- * ausência de forma definida
- * linguagem coloquial
- * espécie de crítica a fala dos pobres

